

Conto



Os Prelúdios
da Ficção

Bosque da Sabedoria

Yuri Valle

Os Prelúdios da Ficção



Bosque da
Sabedoria

Yuri Costa Valle

Trata-se, na verdade, desta substância se movendo no espírito do Criador.

Os Prelúdios da Ficção

O rastro de uma ideia se perdeu sem que eu pudesse, sequer, conservar seu lugar na memória. Restou, apenas, uma sombra flutuante junto a um estado puerperal aversivo com certa sinestesia de colorido carmesim. Muito mal estou conseguindo escrever nos últimos dias devido ao fato de não conseguir suportar mais a mim mesmo em minhas linhas idiossincráticas dominante no momento. Investigar este estado pessoal é, constitutiva e intrinsecamente, quase impossível...

Além deste inconveniente, uma grande consternação acabou de me acometer: suspeito que a referida sombra tenha dado início, por partogênese, à criação de algum mundo. Estou contando que seja apenas algum mundo grego literário mitológico, mas a verdade é que agora sinto uma necessidade estranha - como que uma compulsão - de persegui-la até o seu encerramento definitivo. Não desejo cometer nenhum erro do tipo frankensteiniano.

Devido ao desdobramento accidental sobre si, a primeira noção ordenadora surgindo na primeira camada do planos ontológicos de fundamentação, logo após o ato originador, foi a ideia de náusea da qual, possivelmente, será derivada uma realidade concreta paralela às ondas do mar. Porém, isto se dará no tempo do tempo que ainda não fora criado, pois o nível da primeira noção de todas

já está fechado. Talvez nem haja, ou nunca houve, nem haverá tempos verbais definidos...

Suponho estranhamente que a próxima noção em ordem deva ser o espaço infinitamente escuro, de uma obscuridade tal equivalente ao repouso. O repouso do qual se origina os sentidos quando despertam do sono absoluto, esse mesmo repouso para o qual tendem a retornar quando buscam se libertar do esforço de sua função. Assim, a próxima noção da ordem deve ser a ignorância: concludo. Mas...

Atenção: algo despertou. Só há morte quando há vida para a corroer e pular para a seguinte. Não quero tratar de morte, não há, sequer, corpos ainda. Aquilo que já preexiste ao desejo é um personagem demiurgo com a missão de criar as coisas do mundo para serem desejadas, e o seu despertar assume o modo de um questionamento ainda não problematizado nem explicitado para si mesmo.

Assim que o demiurgo desperta, a primeira coisa que faz é expelir para fora uma espécie de golfada cósmica: a matéria em estado bruto, que encontra-se, agora, diante dele como uma terceira e quarta coisa sucessivamente para serem modeladas de acordo com os desígnios que já carrega dentro de si. Sua obra de dar forma ao mundo tem início! Mas, antes, o personagem demiurgo precisa aprender a respeitar as hierarquias. Ele mesmo ainda se encontra na hierarquia de câncer, no útero do mundo. Encontra-se no fundo do poço, na verdade. Pois já tem Saturno, o senhor do tempo, como regente da sua casa quatro.

Este demiurgo precisa, urgentemente, dar seu primeiro passo na escalada da criação. Um passo extremamente pesado para o começo da sua jornada: a saga da organização de um universo. Ele rasteja para a casa seguinte, é um trapaceiro. Alcança a hierarquia de Leão como um verme, então começa a se erguer, ficar ereto como uma reta. Em seguida, arrogante, quase arrotando, gera um

rugido a partir do qual cria um sol, mais de um sol, a quantidade de estrelas existentes acelerando pela vastidão do escuro... Em consequência, sua garganta torna-se um buraco negro com apetite para engoli-las novamente em algum momento...

Quantas coisas já foram criadas deste modo?! O mole, a reta, a vibração, a velocidade... a confiança em si! Então ele dá seu próximo passo em direção a hierarquia de virgem, onde começa, realmente, seus questionamentos sobre sua existência: "Existe um Deus que me criou, ou será que existe mais de um Deus?!", "Esses outros deuses criaram outros universos além deste?", "O que os deuses querem de mim?", "Os deuses se sentem assim como eu, sozinho?!"... Estaria, ele, na sombra da solidão de Deus?! Foi, então, que sentiu o inimigo à espreita e, neste momento, uma direção esguia sugeria-se para ele seguir... Amedrontado, foi movido para a próxima casa.

Como o pobre demiurgo não tinha sequer forma própria para expressar sua consternação, decidiu consultar no registro das eternidades sobre as possibilidades de universo e escolheu pelo antropomorfismo – mais prático para a ficção. Então uma lágrima caiu de seus olhos enquanto fazia posição de prece. Uma terra exsurge de encontro à lágrima e, como uma flor posta em um arranjo floral, a divindade atende suas preces: da terra se forma uma ocidental exótica de vestido de cetim chinês, cor claro carmesim, rentado com pequeninas flores amarelas, ligeiramente colado ao corpo para evitar, no estreito limite, despertar a vulgaridade. O vestido decidiu parar de cobrir seu corpo até um pouco antes do joelho para deixar a mostra uma parte das suas belas e torneadas pernas em seguida aos seus quadris voluptuosos. Parecia uma lutadora de Kung fu. Seus seios eram arredondados e firmes, como esta construção gramatical. Não eram exageradamente fartos, no tamanho certo para encher os olhos. Não me culpe, enquanto tudo o que faço é tentar esculpir com as

palavras. Escarre, se preferir... Naquele tempo do não-tempo, não havia preconceitos históricos, nem imposturas políticas.

Continuando: seus cabelos eram negros, seus olhos também, com um olhar doce, meigo e penetrante. Uma obra de arte divina tão poderosa que o demiurgo nada poderia fazer a não ser contemplá-la pelo resto da sua existência. Antes de seguir adiante, farei um breve *spoiler*, se preferir pode pular para o próximo parágrafo: o mundo já estando feito, os teólogos deste mundo, que tinham um par de longas orelhas, discutiam, dentro de quatro paredes, em voz baixíssima, nas suas abadias mais afastadas, a questão mais secreta de todas: se as crianças poderiam colar licitamente nas provas, uma vez que o Macunaíma Demiurgo fez coisa semelhante ao criar este mundo...

Voltando: ela se apresentou pronunciando seu nome, era Isadora. O Demiurgo se apresentou, dizendo seu nome em um silêncio completamente compreensível e a convidou para completarem juntos a criação. O Demiurgo agora preenchido de inspiração, disse que sua ideia era criar um jardim tão belo possível quanto ela. Isadora disse que ajudaria na sua obra. O Demiurgo percebeu que sua porção da criação era tão boa quanto a dele, ou até melhor. Na verdade, ele não conseguia entender os segredos da sua mente, então se sentiu seguro e decidiu ficar dormindo enquanto ela fazia todo o trabalho. Quando acordasse poderia contemplar sua beleza e, ainda mais: a beleza da sua arte. E não importa quantos dias demorasse, a semana poderia ter quantos deles fossem...

Uma vez, enquanto dormia, decidiu criar uma bebida com aquela essência escura do seus sonhos. Isto aconteceu porque ele havia dado uma pequena bisbilhotada no Macunaíma de Maria de Andrade. Outra vez, - e esta seria a ultima vez que faria isso, quando acordou havia fogo no jardim. E, no meio do fogo, havia um corpo feminino queimando amarrado a uma estaca bem alta. Ficou

assustado, com muito medo. Então olhou ao redor. Lá estava uma outra mulher com cabelos vermelhos eriçados que se moviam em fúria, dos seus olhos saiam labaredas de fogo. Era Shiva Isadora! Macunaíma Demiurgo, sábio como quase era, soprou uma brisa suave para Shiva Isadora se acalmar. O fogo de seus olhos começaram a se extinguir, e o medo de Macunaíma Demiurgo ia diminuindo junto... Olhou para o outro lado novamente, se deu conta que aquela mulher em brasa havia saltado da escuridão e montado encima de Macunaíma Demiurgo enquanto ele estava sonhando com a sua empresa de água ardente. Então reagiu logo: separou a terra em duas bem no limite que o fogo não havia ainda alcançado o jardim e criou um abismo entre as duas porções.

Depois olhou de novo para Isadora, seus cabelos e olhos haviam voltado ao normal, mas desta vez estava completamente desnuda, suas roupas haviam queimado completamente nas suas chamas... Macunaíma Demiurgo sentiu uma atração forte em direção a Isadora. Foi arrastado até ela por uma força que desconhecia até então. Seria a gravidade ou a gravidez? Seus lábios se tocaram em uma incrível descoberta. Isadora era tão dócil e amorosa... Mas, já Macunaíma Demiurgo... arrotou, quase em sua delicada e fina face, um desses planetas que geram e extinguem vida a seu bel prazer. Ela riu, inocentemente! Continuaram até ficarem ambos cansados daquilo... Eros observava em silêncio.

Já deitado e exausto, Macunaíma Demiurgo olhou para os lados e viu toda aquela bagunça de planetas, estrelas, e massa sem sentido no jardim. Foi lá e decidiu jogar tudo fora no abismo...

Melhor deixar para acordar quando chegarmos na era de aquário...



www.bosquedasabedoria.com.br

© 2022, Bosque da Sabedoria. Todos os direitos reservados.